

História de onça: uma experiência de etnoecologia simétrica¹

Felipe Sússekind

Professor do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio

Palavras-chave: etnoecologia, Pantanal, onça

A palavra “onça”, em português, pode designar duas espécies diferentes de felinos, bem diferentes entre si: a onça-pintada, ou jaguar (*Panthera onca*) e a onça-parda, também chamada de puma, ou suçuarana, entre outros nomes (*Puma concolor*). Pintadas e pardas estão enredadas em histórias multiespécies do Pantanal do Mato Grosso do Sul. Onças são *espécies companheiras* (Haraway 2008) envolvidas em histórias de co-adaptação com seres humanos, assim como o são os cães e o gado que compartilham essas histórias entrelaçadas.

Espécies companheiras remetem a linhas de conexão entre formas de vida heterogêneas, interações pensadas a partir das simbioses e não da hereditariedade. Amansar, asselvajar, domesticar, são fluxos possíveis nas relações multiespécies nas fazendas do Pantanal, e esses processos são sempre de mão dupla; isto é, sempre envolvem adaptações mútuas, transformações simétricas (Haraway, 2008; Despret, 2004).

O bioma ao qual chamamos Pantanal corresponde a uma grande área de planície na região central da América do Sul, formada pelo regime das águas da bacia do Rio Paraguai e de seus afluentes. Essa área é composta por um mosaico de paisagens, com rios, canais e lagoas acompanhados de manchas de floresta, além de *capões* de mata que se distribuem como ilhas ao longo dos campos, provendo sombra para seus habitantes na época da seca e abrigo seco na época da cheia.

O Pantanal, por outro lado, é quase todo ele dividido em grandes fazendas de gado (estima-se algo em torno de 95% de sua área). A pecuária extensiva é a principal atividade econômica regional há pelo menos duzentos anos, e a convivência histórica

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

tende a ser harmônica em muitos casos e a pecuária tradicional tende nesse sentido a uma postura conservacionista para a maior parte dos animais silvestres.

Não é o caso, entretanto, das onças. Pintadas e pardas são predadores adaptáveis, e o gado é a presa mais abundante no Pantanal. Assim como os seres humanos, os grandes felinos apreciam a carne bovina, e é justamente por isso que eles têm sido alvo de uma perseguição implacável ao longo do processo da ocupação dessa região pela pecuária.

Podemos imaginar, em um primeiro momento, a paisagem pantaneira a partir da sobreposição entre duas camadas. A primeira delas é formada por manchas de vegetação. A segunda pela geometria das fazendas, com linhas que obedecem à lógica produtiva da criação de gado. Pensadas nesses termos, essas camadas articulam duas séries narrativas: a primeira é feita das relações ecológicas que perpassam uma cadeia trófica na qual o gado se naturaliza, convertendo-se em uma presa “natural” da onça. A segunda é feita das relações ligadas à cadeia produtiva do agronegócio, na qual o gado é um produto e uma propriedade. A predação da onça, nesta segunda leitura, se converte em algo similar a um crime; ela tem seus direitos de predador natural “suspensos” inclusive pela legislação, que permite o abate de animais “nocivos”.

Esta apresentação toma como referencial empírico uma pesquisa feita há alguns anos em fazendas da região sul do Pantanal, que acompanhou os desdobramentos de projetos voltados para o estudo e a conservação das onças. Retomo a seguir uma série de depoimentos e entrevistas feitas com moradores dessas fazendas, uma parte deles já apresentados parcialmente em trabalhos anteriores. O objetivo é explorar o modo como as onças-pintadas e onças-pardas, que coexistem nessa região, são classificadas e descritas, tanto no que se refere às suas relações entre si quanto às relações que estabelecem com os seres humanos e suas criações. A partir da análise desse material, pretendo abordar, de forma simétrica, o lugar que onças pintadas e pardas têm na literatura conservacionista, refletindo neste caso sobre a interação entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos.

Classificação, cromatismo e textura da paisagem

Uma primeira classificação das onças paneiras é aquela que resulta de uma questão específica feita a uma série de moradores locais que foram entrevistados durante o meu trabalho de campo. A pergunta era “Quais são os tipos de onça que

existem na fazenda?”. Uma abordagem quantitativa dos termos que aparecem nas respostas, em um total de 65 entrevistas, resulta em dois tipos, ou qualidades principais, que correspondem à classificação científica: *pintada* e *parda*. Esses dois termos apareceram em todas as entrevistas transcritas, sendo os únicos tipos mencionados em 30 (46%) delas. O termo *suçuarana* (que tomei como sinônimo de “*suçarana*” ou “*soçarana*”) foi o terceiro mais empregado nas respostas (18 vezes); este termo foi utilizado também ora para definir uma das qualidades da *parda* (11 vezes), ora para definir um terceiro tipo de onça (5 vezes).

Um total de 35 entrevistados (54%) distinguiu duas “qualidades” diferentes para a *pintada* e duas para a *parda*, cada uma delas com características físicas específicas. As qualidades da *pintada* citadas foram as seguintes: (1) *malha larga* ou *malha grande*, uma onça “maior”, “mais comprida”, e “mais amarelada”; e (2) *malha miúda* ou *malha pequena*, descrita por sua vez como “menor”, e chamada também de “canguçu” em referência a uma onça mais “cabeçuda”. O termo guarani “jaguetê” foi citado também 2 vezes como sinônimo para *pintada*, e a jaguatirica (*Felis pardalis*) foi incluída em 3 oportunidades como um tipo de onça (oncinha).

As duas qualidades da *parda* foram: (1) *parda* ou *pardinha*, que é “menor” e “mais clara”, de “cor palha”, “baia”; e (2) *suçuarana* (pronunciado como “suçorana” ou “suçarana”), uma onça “mais escura”, ou “com uma listra preta no lombo”, e “maior” e mais feroz. O termo “lombo preto” foi usado nesse mesmo sentido por 10 entrevistados, enquanto apenas 5 outros definiram-na como um terceiro tipo de onça. Como podemos ver, o código cromático foi amplamente utilizado na nomeação das onças. Numa abordagem “qualitativa” do material de entrevistas, encontramos a descrição a seguir, feita pelo capataz de uma fazenda que sediava um projeto conservacionista:

Aqui tem a onça *parda*— aquela onça amarela — e a *pintada*. Tem uma *parda* que o pessoal fala *suçorana* — uma *parda* maior — e a outra *parda* menor, que fala *parda*, normal. E a *pintada* tem uma *malha larga* e uma *malha miúda*. É a mesma onça, só que elas têm diferença; uma é mais *malha larga* e outra é mais *malha miúda*. E a *malha miúda* é mais preta e branca. A outra, mais *malha larga*, é preta, mais amarelada, e branca. Ela meio que faz o acompanhamento da cor do sol. Mas, se você falar isso pro Fernando [biólogo do projeto], ele fala não, tudo é uma onça só (risos). (FSB, 2008)

Em relação à onça-pintada, a distinção entre as qualidades, neste outro depoimento de um dos vaqueiros da mesma fazenda, se baseia no desenho das pintas de cada animal:

Da malha tem diferente. Tem uma que tem a malha pequena, miúda (a malha que a gente fala é das pintas. Ela é mais escura. Agora, tem a da malha grande, da malhona amarela, assim, grandona. Aquela dá grande. Dessa malha pequena é mais miúda. O tamanho é menor, mas a mão dela e a cabeça são grandes. Ela é mais escura um pouco que a outra. (FSB, 2008)

O cromatismo e os padrões gráficos são, assim, elementos centrais na designação dos tipos ou qualidades de onças. Os próprios nomes, *pintada* e *parda*, correspondem, nesse sentido, à descrições sucintas das cores dos animais. Esse tipo de resumo visual pode aproximar a classificação das onças do vocabulário usado pelos vaqueiros para nomear o gado, orientado também pelo código cromático. No caso do gado, o cromatismo da pelagem é uma primeira camada sobre a qual se inscrevem os signos inscritos (Süssekind, 2016). No caso da parda, há variações de tonalidade que remetem às cores de cavalos e gado (“baia”, “vermelha”). Enquanto isso, a própria pele da onça-pintada apresenta uma camada gráfica, e o desenho da malha um modo de designação do animal.

Outro critério adotado pelos entrevistados para diferenciar as onças foi o tipo de habitat usado por cada uma. Nomes citados como *habitats* para a pintada foram: *pantanal*, *brejo*, *mata*, *beira rio*, *pirizeiro* e *sujo*. Para a parda foram: *cerrado*, *morraria*, *serra* e *Nhecolândia* (nome de uma região do Pantanal mais seca, descrita como ‘cerradão’). Também foi indicado um contraste entre locais mais selvagens (distantes) para a primeira e mais perto das casas (próximos) para a segunda. No mesmo depoimento citado acima, o capataz descreve aqui como o mato tomou conta de uma área próxima a sua casa onde antigamente havia uma trilha:

Tem muita onça aí. Agora que a gente não vê mais porque sujou muito. Pra ver é, assim, só no caso dessas em cima da gente mesmo.

Sujou como? O mato está muito alto?

É, foi proibido o negócio de queimada. O Pantanal, parou de queimar, ele suja. Tem parte antiga, quando eu entrei aqui, que você andava, corria, e que hoje

você não passa. Como diz o ditado: nem cobra engraxada não entra mais.
Sujou tudo (Idem. Grifo meu.)

A ideia de limpeza e de sujeira, qualidades associadas ao mato fechado e ao campo aberto, seria ainda muitas vezes repetidas em conversas com outros vaqueiros. Além da evidente associação estética, a sujeira, no caso do trecho acima, é também aquilo que impede o movimento (nem ‘cobra engraxada’ passa!). Um dos aspectos significativos nessa ideia do “sujo” é o quanto ela remete ao tema da *pureza* e do *perigo*, abordado pelo trabalho célebre de Mary Douglas (1966). Enquanto o vaqueiro aprecia esteticamente o *limpo*, a onça-pintada aprecia o *sujo*.

A associação entre a onça e a impenetrabilidade de certos matos aparece também em fontes ligadas à literatura de caçadas de onça. É o caso dos *pirizeiros*, e de outras vegetações nas quais a onça gosta de se esconder, e onde os caçadores não conseguem avançar, como o “caraguatazeiro” descrito abaixo por Tony Almeida:

O "caraguatá" (*Bromelia paraguayensis*) é da mesma família dos abacaxis, e suas folhas longas e finas se estendem para cima a partir do centro da planta até uma altura de dois metros, armadas com espinhos enganchados longo da folha que rasgam homens e animais tentando passagem. Mesmo os cavalo recuam para longe deles, mas um jaguar os usará frequentemente para despistar uma matilha de cães de seu encalço. (Almeida 1976: 107)

O caçador detalha ainda mais as preferências dos jaguares, acrescentando:

A planta que fornece maior proteção para os jaguares, entretanto, é sem dúvida a moita conhecida como ‘pombeiro’(...). Os jaguares são capazes de se moverem por estas moitas com relativa facilidade, mas elas são um pesadelo para os homens, que têm que rastejar e forçar sua passagem através delas para tentar alcançar o felino (Idem).

O código visual orienta o cromatismo usado para a nomeação das onças. A dimensão da visualidade aparece também na camuflagem, na linguagem da caça; envolve nesse caso a capacidade das onças de verem sem ser vistas, de serem invisíveis para suas presas. A fusão com o ambiente e a camuflagem são expandidas para outros sentidos – o tato, o ofato – na experiência da simbiose da onça em fuga com o caraguatazeiro e seus espinhos. Para escapar de perseguidores guiados pelo

ofato, a onça age através de sua elasticidade e resistência, no sentido de compor com o ambiente a sua volta tornando-o inabitável para o outro, impenetrável para humanos e cães.

No que se refere a uma descrição dos hábitos alimentares da onças, uma abordagem quantitativa das presas citadas para a onça-pintada mostra as seguintes espécies (o número de citações se acha entre parênteses): capivara (33), gado (32), jacaré (24), cervo (16), porco (8), queixada (6), veado (5) cateto (3), ema (2), cachorro (2) tamanduá (2), tatu (1), cavalo (1) e anta (1). As categorias utilizadas para presas da onça-parda (novamente com o número de citações entre parênteses) incluíram: bezerro (11), carneiro (9), ema (7), potro (4), tatu (4), capivara (2), veado (2) cabra (1) e galinha (1).

Usando a divisão entre animais domésticos e selvagens, as citações referentes às 5 principais presas da pintada incluíram apenas uma categoria doméstica (gado), enquanto as citações referentes às 5 principais presas da parda incluíram somente duas categorias de animais selvagens (ema e tatu). Além disso, dois termos utilizados neste último caso designam classes de idade específicas para as espécies domésticas (“bezerro” e “potro”).

Em relação ao ataque das onças ao gado, entre as 40 respostas obtidas para essa questão, 22 (55%) consideraram que determinadas onças se alimentam exclusivamente do gado, classificando-as com os termos: “matadeira”, “comedeira de gado”, “comedeira de carneiro” (parda), e “[onça] que vicia no gado”. Os casos de predação pela onça pintada incluíam principalmente o gado “solto no campo”, enquanto a parda foi descrita como responsável pelos ataques à criação de carneiros e de animais que vivem nos quintais das casas. Muitas vezes, nesse caso, estes são animais que pertencem aos moradores e não à Fazenda, isto é, ao patrão (como é o caso do gado). Este é um motivo plausível para que o fato da parda ser qualificada como “sem vergonha”, “abusada” e “covarde”, entre outros adjetivos negativos.

No trecho abaixo, o capataz de um *retiro* em de uma fazenda na região de Miranda relata os ataques aos seus carneiros:

A parda tem mais mas é mais difícil ver, porque ela é velhaca. (...) Ela tá pegando mais é meus carneiro, aqui, e os carneiro da fazenda. Agora, deixou solto ela pega.

Então está dando mais prejuízo que a pintada?

Ah, está. Para mim ela já me matou sete carneiros. E bem dentro do retiro aqui, bem nesse quintalzinho aí ela matou. E o pior é que você nem vê o barulho. O bicho é disgramado, já comeu sete. Comeu não, ela matou mas não conseguiu tirar lá de dentro; uns dois ela comeu. (FSF, 2008)

Estudos científicos feitos em diferentes ambientes onde a onça-pintada e a onça-parda coabitam, incluindo o Pantanal, apontam para o fato de que a parda geralmente abate presas de tamanho médio ou pequeno, enquanto a pintada mostra preferência por presas maiores (Azevedo, 2008; Scognamillo et al., 2003; Palmeira et al. 2008). Alguns pesquisadores apontam que esta característica parece ser vantajosa para a onça-parda, dada sua capacidade de adaptação a um nichos mais amplos, incluindo ambientes perturbados pelo homem. Isso se traduz no risco de extinção menor e na maior distribuição geográfica da onça parda.

Há um certo consenso, nesse sentido, em torno da ideia de que a onça-pintada e a onça-parda tendem a se evitar, e estudos voltados para a segunda indicam que é provável que a onça-parda evite locais habitados por onças-pintadas (Caso et al. 2012). Crawshaw e Quigley (1984) relataram ainda a preferência das pardas pelas vegetações secas, enquanto a onça-pintada encontra-se prefere a proximidade dos corpos d'água e as vegetações úmidas .

O tema do *conflito entre onças* surgiu na primeira visita que fiz à área de estudo em 2006, quando entrevistei o capataz de um *Retiro* da antiga fazenda *Miranda Estância*, local onde pretendia na época desenvolver minha pesquisa. Ele me disse:

A onça-parda surra a pintada. A parda protege a pessoa, acompanha no campo. É uma onça mansa. Pega rês nova, carneiro, bicho macio. Come muito carneiro. Tem dois tipos: parda e lombo-preto, maior e mais escura no lombo. (FC, 2006)

As declarações foram surpreendentes para mim na época, mas depois seriam confirmadas por muitos outros moradores da região com os quais conversei. A surpresa se devia principalmente pelas conversas anteriores com o próprio capataz e com outros moradores do retiro, nas quais a pintada tinha sido apontada como bicho “valente”, “forte”, que “enfrenta gado grande”, e a parda como “covarde” e “maldosa”, por pegar muito “bezerro pequeno” e “carneiro”.

Em 2008, elaborei um questionário para usar no trabalho de campo, e incluí a disputa entre a parda e a pintada como uma questão fixa. De um total de 31 respostas à questão “as espécies de onças disputam entre si o território e as presas?”, 20 entrevistados (65%) afirmaram que há um conflito entre as onças e que a onça-parda vence a onça-pintada em confronto direto, o que indicaria uma relação de dominância da segunda em relação à primeira. O resultado é bastante surpreendente, devido ao tamanho e força dos dois felinos.

Entre as 20 declarações desse tipo, 5 foram afirmações atribuídas a terceiros, antecedidas pelas expressões “diz que...”, ou “o povo antigo fala que”. Apenas um desses 5 entrevistados, no entanto, disse não acreditar no fato quando foi indagado a respeito. Afirmações dizendo o contrário – a pintada como vencedora do confronto – foram feitas por 7 dos entrevistados que responderam à questão (23%).

Outros 4 entrevistados disseram que as duas onças evitam-se mutuamente. A relação de cada onça com o ser humano foi diferenciada a partir de uma série de parâmetros: A parda foi descrita como habitante das mesmas áreas onde vivem os moradores das fazendas (cerrado, parte alta), enquanto os territórios que foram citados para a pintada (sujo, pantanal, brejo, beira de rio) foram em geral locais inabitados e selvagens. Em 3 entrevistas foi mencionada ainda que a ideia de que a parda “cuida da gente”, “acompanha no campo” e “protege a pessoa”.

Alguns depoimentos sobre o assunto:

A pintada perde pra parda. Ela é maior, ela é mais perigosa, mas na hora da briga ela perde. (4/2008)

(...)

Elas não combinam muito não. Dá briga. Só que, a suçuarana, a pintada tem medo dela. Tem receio dela. Diz que ela é bem mais valente do que a pintada. E o povo antigo sempre falava – meus tios mesmo falavam – que a suçuarana, aonde ela estava, mesmo que a pintada tivesse ali por perto, ela escorraçava com a pintada pra cuidar o homem. Ela cuida, ela escorraça com a pintada pra ficar cuidando a gente.

(...)

Onde é que tem onça parda, a pintada não para. Porque a parda bate nela. E a parda é menor do que a onça pintada, mais fininha, mas a pintada corre de onde tem a parda.

(...)

A parda, se ela achar a onça pintada na carniça, ela põe a onça pintada pra fora. Onça parda conhece ela. E a pintada também: vê que ela vai lá, ela larga. Ela sai rosnando, e vai embora. Aí a parda come. Às vezes dá briga. Quando um macharrão, assim, já velhão, quer enfrentar. Mas a parda tem mais destreza de que a pintada. Porque a pintada, quando ela pula mal, ela até cai, porque ela é um bicho pesado. Enquanto isso, a onça parda tá em cima. A onça pintada, ela dá um tapa, assim, e a parda dá duas vezes, rápido, igual gato.

Apenas em uma das citações acima o entrevistado afirma “não acreditar” nesse tipo de afirmação:

Eu já ouvi falar que a parda bate na pintada, mas eu não acredito não. Eu conheci um bugre velho que cansou de falar: A parda bate na pintada. Ela é bem menor, mas a agilidade dela é em dobro da pintada. Você vê, e onça pintada não é um bicho parado.

O tema da disputa entre a pintada e a parda pode ser encontrado em trechos esporádicos da literatura proveniente dos estudos de campo sobre onças-pintadas. No livro autobiográfico *Jaguar* (1986), um relato sobre a experiência de campo de Alan Rabnowitz em Belize, na América Central, a história é atribuído aos índios *Maia* residentes na região. O autor afirma:

Talvez sua constituição física, indicando que o puma seja relativamente rápido e ágil, ajude a explicar por que o puma é muitas vezes o vencedor nas histórias indígenas de batalhas entre onças-pintadas e onças-pardas.² (1986: 206)

O mesmo tipo de declaração é discutido por Crawshaw e Quigley (1984) a partir de sua experiência na região sul do Pantanal:

É comumente dito no Pantanal, por pessoas familiarizadas com a fauna, que, em luta corporal, a parda derrota a pintada (Crawshaw e Quigley 1984: 18)

Vale lembrar, nesse sentido, que o peso médio de uma onça-pintada, na região do Pantanal, é aproximadamente o dobro do peso de uma onça-parda (Azevedo 2006;

² Tradução minha.

Silveira 2004; Crawshaw e Quigley 1984; Almeida 1976). Os autores se referem a “pessoas familiarizadas com a fauna”, o que é também consonante com o material das minhas entrevistas, na medida em que a questão foi formulada em geral por moradores mais antigos – caçadores, capatazes e *retireiros* experientes. Quando Crawshaw e Quigley dizem que “[t]al afirmação não pôde ser comprovada em nosso estudo” (1984), eles pressupõe que os pantaneiros estão falando do comportamento *empírico* das onças em seu ambiente natural.

O texto contrapõe a declaração dos moradores da região a duas evidências encontradas durante o projeto de pesquisa coordenado pelos autores, ambos casos de pardas encontradas mortas. No entanto, são duas evidências ‘fracas’ do ponto de vista científico: um dos animais é um “sub-adulto” e o outro já não permitia uma identificação conclusiva. Rabinowitz não parece inclinado a levar as histórias Maia muito a sério. A alternativa de Crawshaw e Quigley é mais respeitosa:

Tal afirmação não pôde ser comprovada em nosso estudo, mas em dezembro de 1982 foi encontrada uma fêmea subadulta de onça parda morta com uma mordida na nuca, por um casal de onças pintadas. (...) Outra fêmea de onça parda, adulta, foi encontrada morta em setembro de 1980, com evidentes sinais de luta no local, mas, uma vez que já se haviam passado vários dias, não foi possível determinar qual havia sido o adversário. Entretanto, com base em pegadas encontradas várias vezes, o capão era regularmente usado por onças-pintadas (Idem)

Os autores tomam as declarações dos pantaneiros como provenientes de experiências empíricas, e procuram contrastá-las com os dados obtidos nos seus estudos de campo, sobre onças pardas abatidas por Pintadas.

O tema da disputa, além da dimensão empírica, pode ser uma pista interessante para colocar em diálogo as narrativas científicas e não científicas abordadas aqui. Devemos imaginar, nesse sentido, que há uma experiência de mundo em que o horizonte de relações possíveis com a onça não se dão apenas no âmbito da relação entre dois predadores situados no mesmo plano da cadeia trófica competindo pela mesma presa.

Há uma dimensão *socioecológica* das relações entre humanos e onças em que um mundo comum é compartilhado; no sentido de que há uma competição mas também

há uma identificação com o comensal, aquele que come a mesma coisa que eu, um conhecimento acerca das preferências que as onças tem por determinadas partes do boi, por exemplo. Esse tipo de identificação implica numa relação pessoa-pessoa, e não em uma relação pessoa-coisa.

Uma questão interessante neste caso é a questão da proteção, isto é, a questão de quem protege quem e em que situações. Onças pintadas e pardas são espécies ameaçadas, protegidas por lei, espécies que demandam a proteção humana diante de um cenário de extinção causado, entre outras coisas, pela retaliação à predação do gado.

Por outro lado, os pantaneiros apontam para o caráter ameaçador da onça-pintada e para a ausência de ameaça no caso da onça-parda (“com qualquer pedaço de pau você enfrenta ela”). O curioso neste contexto são as afirmações de que a onça-parda, além de não representar uma ameaça, pode “cuidar”, ou “proteger a pessoa no campo”. Proteger, no caso, justamente a ameaça representada pela onça-pintada. As relações de proteção e predação se embaralham neste caso em uma dinâmica própria.

Humanos, gado, capivaras, cabras e cachorros fazem parte do ambiente próprio das onças. Os diversos modos como elas interagem com esses seres, como reagem e improvisam a partir da ação deles, perfazem os desdobramentos possíveis desses ambientes em seus processos de construção. O *óikos* – habitação, habitat, morada –, nesse sentido, torna-se inseparável do *ethos* – o modo de habitar, o comportamento que ao mesmo tempo responde ao ambiente como horizonte de possibilidades e produz o ambiente ao torná-lo habitável. O que estou propondo pode ser aproximado do sentido em que Dominique Lestel (2010) apresenta a ideia de uma *etnoetologia* complementar a uma *etoetologia*, para estudar o que chamou de “comunidades híbridas”. A abordagem proposta por ele incorpora modos de conhecimento indígenas e científicos, assim como comportamentos humanos e não humanos.

Para entender os processos envolvidos nas histórias multiespécies do Pantanal, penso aqui também no significado do termo “híbrido” para Bruno Latour (1991), no sentido de incorporar também os artefatos e instrumentos de pesquisa às redes que investigamos³. Biólogos da conservação, vaqueiros, antigos caçadores que se associam nessas experiências a animais como cavalos, cães de caça, bois, urubus que

³ Talvez fosse necessário nesse sentido compor um termo tríplice, como faz Renzo Taddei em seu grupo de pesquisa em interações *sociotecnicoambientais*.

indicam a presença da carniça; além deles há os dispositivos de rastreamento movidos por sistemas de rádio e GPS.

As narrativas acerca das onças, no nosso caso, operam também contrastes, podendo ser pensadas em termos dos conjuntos de transformação em suas unidades de significação. É nesse sentido que os sistemas de significação da ecologia científica e dos saberes tradicionais apresentam sua dimensão simétrica. Na mitologia comparada das onças pantaneiras, a pintada encarna o aspecto mais selvagem; ela está além da fronteira, vive em áreas mais remotas e encarna um ideal de pureza e selvageria. A onça-parda, por outro lado, atravessa as fronteiras; pula os cercados para se alimentar de caprinos nos currais e ao lado das habitações. Engana, é traiçoeira, “velhaca”, espreita em busca dos bezerros recém nascidos. É um *trickster* como o coioite dos mitos dos mitos norte-americanos analisados por Lévi-Strauss em *História de Lince*, com seus *mitemas* pensados em termos dos pares de gêmeos e do dualismo em perpétuo desequilíbrio.

Final

Dividimos inicialmente a paisagem do Pantanal, vista do alto, em duas camadas formadas pelo mosaico de ecossistemas e pela geometria das fazendas. Os estudos de campo científicos acrescentariam a essas duas uma terceira, formada pela geometria dos pontos dispersos e aglomerados que traduzem a vida secreta das onças, seus comportamentos e modos de habitar. Procuramos aqui acrescentar a esta camada uma dimensão própria do campo, que é o caráter dialógico e negociado dos saberes que se constituem acerca dos animais.

Do ponto de vista situado dos rastros e códigos visuais experimentados *no terreno*, e não do alto, temos um novo conjunto de paisagens percebidas. Esse conjunto inclui a percepção de diferentes agentes, humanos e extra-humanos. Para abordar o Pantanal em termos dessa diversidade de horizontes percebidos, me parece necessário entendê-lo a partir de um entrelaçamento necessário entre, de um lado, os conhecimentos científicos e não científicos acerca dos animais, e, de outro, os comportamentos de humanos e extra-humanos que fazem parte dessas comunidades multiespecíficas.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, F. C. C. (2008) Food habits and livestock depredation of sympatric Jaguars and Pumas in the Iguacu National Park area, south Brazil. *Biotropica* 40: 494-500

BANDUCCI JR., Álvaro. 1996. *A NATUREZA DO PANTANEIRO - Relações sociais e representação de mundo entre vaqueiros do Pantanal*. (Dissertação em Antropologia Social, USP).

BENEVIDES, Cezar & LEONZO, Nanci. 1999. *Miranda Estância. Ingleses, peões e caçadores no Pantanal mato-grossense*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

BOULHOSA, R. L. P. and Azevedo, F. C. C. 2014. *Perceptions of ranchers towards livestock predation by large felids in the Brazilian Pantanal*. *Wildlife Research*, 2014, 41, 356–365. <http://dx.doi.org/10.1071/WR14040>

CASO, A., LOPEZ-GONZALEZ, C., PAYAN, E., EIZIRIK, E., DE OLIVEIRA, T., LEITE-PITMAN, R., KELLY, M., VALDERRAMA, C. & LUCHERINI, M. 2012. *Puma concolor* (em Inglês). IUCN. [Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN de 2012 Versão 2](http://oldredlist.iucnredlist.org/details/18868/0). <http://oldredlist.iucnredlist.org/details/18868/0>. Página visitada em 29 de outubro de 2018.

CAVALCANTI, S.M.C.; GESE, E.M. (2010). «[Kill rates and predation patterns of jaguars \(Panthera onca\) in the southern Pantanal, Brazil](#)» (PDF). *Journal of Mammology*. 91(3): 722-736

CRAWSHAW, Peter G.; QUIGLEY, Howard B. 1984. “A ecologia do jaguar ou onça pintada (*panthera onca palustris*) no pantanal matogrossense”, in: *Estudos bioecológicos do pantanal matogrossense – relatório final – parte I*. Brasília: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF.

CRAWSHAW, Peter G.; QUIGLEY, Howard B. 1991. “Jaguar spacing, activity and habitat use in a seasonally flooded environment in Brazil”, in: *The Zoological Society of London* (n.223), pp. 358-69.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1997 [1980]. “Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível...” In: *Mil platôs – Vol. 4*. São Paulo: Editora 34. (pp. 11-115)

DESPRET, Vinciane. 2004. “*The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis*”. *Body and Society*. SAGE, vol 10 (2-3): 111-134

DESDIEZ, Arnaud; CUNHA DE PAULA, Rogério, CAVALCANTI, Sandra (org.) 2013. Plano de ação nacional para a conservação da onça-pintada. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2013. <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-onca-pintada/livro-onca-pintada.pdf>

DOUGLAS, Mary. 1976 [1966] *Pureza e Perigo*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1976

GUATTARI, Félix. 2001 [1990]. *As três ecologias*. Editora Papirus

HAEMIG, P. D. 2012. A Onça-Pintada e o Puma Simpátricos. ECOLOGIA.INFO #6. <http://ecologia.info/panthera.htm>

HARAWAY, Donna. 2008. *When Species Meet*. Minnesota: University of Minnesota Press.

HARAWAY, Donna. 2016a. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press.

HARMSSEN, B.J.; et al. 2010. «The ecology of jaguars in the Cocksomb Basin Wildlife Sanctuary». In: Macdonald, D.W. & Loveridge, A. *Biology and Conservation of Wild Felids*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press. pp. 403–416. ISBN 978-0199234455

INGOLD, Tim. 2013. Anthropology beyond humanity. *Soumen Antropologi/Journal of the Finnish Anthropology Society* 38: 3, 15-23.

INGOLD, Tim.. 2012. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. *Horizontes antropológicos*. Vol.18, n.37. pp.25-44.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. 2010. “The emergence of multispecies ethnography”. *Cultural Anthropology* 25, no. 4 .

KIRKSEY, S. Eben. 2015. Species: a praxiographic study. *Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)* 21, 758-780

KOHN, Eduardo. 2013. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press.

LATOUR, Bruno. 2017. *Facing Gaia. Eight Lectures on the New Climatic Regime*. Polity Press.

LESTEL, Dominique; BRUNOIS, Florence; GAUNET, Florence. 2006. “Ethno-ethnology and ethno-ethology”. *Social Science Information* 45 (2006): 155–77.

LÉVI-STRAUSS, C. 2006 [1968] *A origem dos modos à mesa: Mitológicas III*. São Paulo: Cosac Naify.

PALMEIRA F. B., CRAWSHAW P. G., HADDAD C. M., FERRAZ K. M. & VERDADE L. M. 2008. Cattle depredation by puma (*Puma concolor*) and jaguar (*Panthera onca*) in central-western Brazil. *Biological Conservation* 141, 118-125.

RABINOWITZ, Alan. 2000 [1986]. *Jaguar: One Man's Struggle to Establish the First Jaguar Preserve*. Washington, D.C.: Island Press.

SCHALLER, George B. 2007. *A naturalist and other beasts: tales from a life in the field*. San Francisco: Sierra Club Books.

SCHALLER, George B. 2011. *Politics is killing the big cats*. National Geographic Magazine, Dec 2011. <http://ngm.nationalgeographic.com/2011/12/tigers/schaller-text>

SCOGNAMILLO, D., MAXIT, I.E., SUNQUIST, M., POLISAR, J., 2003.

Coexistence of jaguar (*Panthera onca*) and puma (*Puma concolor*) in a mosaic landscape in the Venezuelan Ilanos. *Journal of Zoology*, London 259, 269–279.

SILVEIRA, Leandro; BOULHOSA, Ricardo; ASTETE, Samuel; JÁCOMO, Anah Tereza de Almeida. 2008. “Management of domestic livestock predation by jaguars in Brazil”, in: *Cat News - The jaguar in Brazil – Special issue n. 4*. Switzerland: IUCN/Cat Specialist Group, pp. 26-30.

SILVEIRA, Leandro. 2004. *Ecologia comparada e conservação da onça-pintada (panthera onca) e onça-parda (puma concolor), no cerrado e pantanal*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da Universidade de Brasília.

SÜSSEKIND, Felipe. 2014. *O Rastro da Onça: relações entre humanos e animais no Pantanal*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

SÜSSEKIND, Felipe. 2018. Sobre a vida multiespécie. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, p. 159-178, 2018.

SÜSSEKIND, Felipe . 2017. Onças e humanos em regimes de ecologia compartilhada. *Horizontes Antropológicos (Ufrgs. Impresso)*, v. 23, p. 49-73, 2017.

SÜSSEKIND, Felipe . 2016. Notes on the bagual: cattle raising, hunting and conservation in the brazilian Pantanal. *Vibrant (Florianópolis)*, v. 13, p. 128-142, 2016.

THOMPSON, Willian I. (org.). 2014. *Gaia: Uma teoria do conhecimento*. São Paulo, Editora Gaia

TSING, Anna. 2015. "Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras". *Ilha - Revista de Antropologia*, 17 (1): 177-201

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. 2016. “Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção”. Trad. Susana Oliveira Dias. *ClimaCom [online]*, Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, Dez. 2016. <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>

VAN DOOREN, Thom. 2014. *Flight ways: life and loss at the Edge of Extinction*. New York: Columbia University Press

VON UEXKÜLL, Jacob. 1982 [1933]. *Dos Animais e dos homens: digressões pelos seus próprios mundos*. Doutrina do significado. Lisboa: Edições do Brasil